

Princípios educacionais das Irmãs Franciscanas de Dillingen no Brasil (1931-1961)

Antoniette Camargo de Oliveira*

Resumo: Trata-se de um trabalho de pesquisa ainda em fase inicial, cujo objetivo principal é apontar para a existência de uma pedagogia católica alemã em terras brasileiras, através da atuação de um grupo de Irmãs franciscanas aqui, a partir de 1937. A tentativa é por contradizer os “silêncios” e/ou rumores produzidos pela historiografia a este respeito.

Palavras-Chave: Franciscanas – História da Educação – Alemanha.

Abstract: It is still treated of a research work in initial phase, whose main objective is to appear for the existence of a German Catholic pedagogy in Brazilian lands, through the performance of a group of Franciscan Sisters here, starting from 1937. The attempt is for contradicting the “silences” e/ou rumors produced by the historiography to this respect.

Keywords: Franciscans – History of the Education – Germany.

À época medieval (1241), surgia na Alemanha uma comunidade de Irmãs, as quais fundaram posteriormente uma Congregação, cujos princípios ou costumes se baseavam nas regras de São Francisco de Assis. Tais Irmãs, após desenvolverem várias atividades em países europeus e depois de se expandirem para os EUA, chegaram finalmente ao Brasil. Consta em alguns históricos encontrados que elas partiram para a América do Sul, chegando ao Brasil no ano de 1937, na cidade de Cabo Frio, RJ. E que, afastadas “bruscamente” da Alemanha pelo Movimento Nazista, ao chegarem a terras brasileiras assumiram atividades não só religiosas, mas também sociais e educacionais. O que mais nos tem causado estranhamento é o exagerado silêncio sobre sua ação pedagógica (das Ordens religiosas femininas), assim como a ação dos franciscanos de uma maneira geral. Suspeita-se que embora praticamente não existam registros sobre a ação educacional dos mesmos na história da educação, eles tenham deixado sua marca e contribuição para e na formação do campo educacional e cultural brasileiro, desde a sua gênese.

As explicações encontradas para justificar a vinda dessas Irmãs para cá, no ano de 1937, não deixam de ser curiosas. Conforme crônica sobre o desenvolvimento da Província da Divina Providência¹, “nesse ano foram fechadas muitas casas na Alemanha, pelo Movimento Nazista; por isso a direção aceitou o convite do Bispo de Niterói, Dom José Alves” (Agenda escolar, 2007:25). Num outro documento, intitulado “Regra e Constituições da Congregação das Irmãs Franciscanas de Dillingen: Regra e Vida dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco” consta, também nas crônicas em anexo, que naquele ano, “após o fechamento de escolas religiosas na Alemanha nazista, Franciscanas de Dillingen emigraram

* Universidade Federal de Uberlândia. Doutoranda em História e Historiografia da Educação.

¹ Nome da Província do sul do Brasil, das Irmãs Franciscanas de Dillingen em Duque de Caxias-RJ.

2

para o Brasil” (p.133). (os grifos são meus). Entretanto, acredita-se que o(s) real(is) motivo(s) que as fizeram chegar aqui é (são) apenas a ponta do *iceberg*. Consta também em tais crônicas, que as seis Irmãs pioneiras², ao chegarem a Cabo Frio-RJ, assumiram, além da atividade escolar primária, a orientação de um pequeno orfanato já existente e a catequese paroquial. Em 1938 chegam mais oito Irmãs da Alemanha, sendo fundada a primeira casa filial em Rio Bonito-RJ. Em 1939 a 2ª Guerra Mundial interrompeu a comunicação das Irmãs no Brasil com o que elas chamam de “Casa-mãe” (na Alemanha), situação que perdurou até 1945. Foi isso possivelmente o que fez com que as dificuldades iniciais de implantação de suas atividades em um país estranho e longe do seu de origem, fossem ainda piores. A casa filial em Rio Bonito-RJ, a que se referiu anteriormente, acabou fechada por “circunstâncias não previstas”. Mas com isso aceitou-se a proposta dos padres franciscanos de São João de Meriti-RJ quando então, em 5 de fevereiro de 1940, fundou-se ali o **Colégio Santa Maria**³. Em Duque de Caxias, neste mesmo Estado, fundou-se também o atual **Colégio Santo Antônio**⁴, no dia 1 de janeiro de 1942. Ambos mantidos atualmente pela Sociedade Franciscana da Divina Providência, mantenedora fundada apenas no ano de 1949.

Mais perguntas vão surgindo: teria sido em função dos seis anos de isolamento e incomunicabilidade entre Alemanha e Brasil que as Irmãs alemãs se viram “obrigadas” a se voltarem com mais afinco às atividades educacionais no Brasil? Levando em consideração que a cobrança de mensalidades escolares supriria possíveis dificuldades financeiras, conseqüência da também interrupção de ajuda econômica que certamente recebiam da Alemanha? É provável que sim. Mas havia já uma predisposição para desenvolver atividades nesse setor por parte de tais Irmãs? Ou sua prestação de serviços educacionais teve início devido apenas à então conjuntura política e econômica vivenciada na virada das décadas de 1930 para 1940? Considera-se estranho o teor de certos históricos produzidos pelas próprias Irmãs no Brasil.

Em 1937, na Alemanha, as professoras religiosas foram bruscamente afastadas do setor educacional pelo movimento nazista. Partiram para a América do Sul, chegando ao Brasil, onde iniciaram as atividades no campo educacional, na cidade de Cabo Frio. As Irmãs pioneiras assumiram desenvolver a atividade escolar primária,

² As Irmãs Franciscanas de Dillingen pioneiras no Brasil foram: Ir. M^a Adelaide Stammeler, Ir. M^a Liebharda Fischer, Ir. M^a Brunhilde Schneider, Ir. M^a Walgildis Eichberger, Ir. Raphaelis Köglmaier e Ir. M^a Reinsdis Mayer.

³ Colégio Santa Maria está localizado à Av. Automóvel Clube, 269, Centro, Caixa Postal 79343, São João de Meriti, RJ, CEP: 25515-120.

⁴ Colégio Santo Antônio está localizado à Rua Tenente José Dias, 349, CEP 25010-305, Centro, Caixa Postal 76001, CEP da Caixa Postal: 25001-970, Duque de Caxias, RJ.

orientação de um pequeno orfanato, já existente, e catequese paroquial. (Agenda escolar, 2007:5)

Sendo assim, se poderia afirmar que não foi apenas com a fundação dos dois Colégios em 1940 e 1942 no Estado do Rio de Janeiro, que suas atividades no setor escolar tiveram início neste país. Nessa perspectiva, a suposição é de que estariam querendo atualmente (quando em 2007 comemoraram 70 anos de sua chegada aqui) divulgar e sublinhar principalmente o caráter educacional de sua missão, no Brasil. A atuação das Irmãs Franciscanas de Dillingen no Brasil não se resume ao setor educacional. Além de serviços educacionais, elas ainda prestam serviços sócio-educativos (creches, centros comunitários e de apoio sócio-educativo) e serviços sociais (asilos, abrigos, saúde, habitação, trabalho e renda).

Surge outra questão: Afinal, qual era o perfil de seus (suas) alunos(as), desde a fundação das referidas escolas até 1961? É possível supor que desde sempre eram originários de uma classe social detentora de condições econômicas razoáveis⁵, visto que se cobrava mensalidades que a grande maioria das famílias supostamente não tinha condições de pagar⁶.

No Brasil, atualmente, existem setenta e uma Irmãs, sendo nove de nacionalidade alemã (idosas em sua grande maioria) e sessenta e duas de nacionalidade brasileira. Apesar de se tratar de um número inexpressivo diante da extensão geográfica do país, é necessário lembrar que as mesmas atuaram e atuam ainda, no setor educacional, em apenas três Estados brasileiros: Paraíba, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

O contato com uma Franciscana, cuja família vive em Uberlândia-MG (Irmã Maria Eleusa de Oliveira), somado à leitura de um livro (HAAS, 2000) contando a história das Irmãs Franciscanas de Dillingen entre o ano de 1241 (século XIII, quando foi fundado o Mosteiro das mesmas) e 1900, despertou muitas questões. Além disso, é inegável que os ideais franciscanos de pobreza, desprendimento, dedicação integral ao outro sejam igualmente instigantes; ainda mais se for levado em consideração as provações e resistências (ou não) de todos os tipos, que aqueles(as) que fazem opção por uma Ordem religiosa com estas características devem enfrentar.

⁵ É importante adiantar que numa primeira incursão aos arquivos do Colégio Santa Maria, em São João de Meriti-RJ, identificou-se nas fichas escolares dos seus primeiros alunos, uma grande porcentagem sendo de nacionalidade portuguesa.

⁶ É curioso que em 2003, — ficando gritante a pobreza da região onde o Colégio Santa Maria foi instalado, em São João de Meriti-RJ, — tenha sido instalada a *Unidade Rosa Rasuck*, objetivando atender a grande parcela carente da comunidade. Ainda há que se considerar que a mantenedora responsável pelas diversas atividades desenvolvidas, “Sociedade da Divina Providência” (fundada em 1949) passou a ser considerada de utilidade pública no ano de 1982, funcionando apenas desde então em caráter filantrópico.

Foram encontrados diversos estudos e pesquisas relacionados à problemática. Entretanto, a maioria deles passa ao largo, por exemplo, da especificidade de uma ação “franciscana” na educação brasileira. Referem-se de maneira geral à atuação da Igreja Católica nas questões que envolvem o setor educacional do país nos seus diversos momentos políticos. Quanto às teses e dissertações, apesar de já apontarem para um avanço, ainda estão “engatinhando” em relação ao apontamento dos(as) franciscanos(as) enquanto fortemente influenciadores(as) na educação brasileira.

Uma leitura em especial chamou a atenção para o tema em questão. Trata-se do capítulo 6 do livro “Histórias e memórias da educação no Brasil”, organizado por Stephanou e Bastos, onde Sangenis trata dos “Franciscanos na Educação Brasileira” (2004:93-107). Na verdade, tal autor chama a atenção principalmente para os primórdios da atuação dessa Congregação Católica no setor educacional brasileiro. Nesse sentido, refere-se sempre ao nosso período colonial, bem como aos franciscanos originários de Portugal, país europeu do qual fomos colônia. No entanto, não deixam de serem importantes questões que o mesmo coloca sobre a “produção de silêncios”, inclusive pelos livros especializados de História e de Educação sobre a atuação dos Franciscanos na educação deste país.

É evidente que a escassez de estudos que façam referência aos Franciscanos, atuantes no setor educacional brasileiro não se restringe ao nosso período colonial, nem tampouco aos Franciscanos originários de Portugal⁷. Da mesma maneira, ainda há a atuação de Congregações femininas, que igualmente são pouco estudadas. Assim, ampliam-se ainda mais os campos de pesquisa sobre tal tema, praticamente intocado.

Mesmo sabendo que as primeiras Irmãs chegaram aqui em 1937, a pretensão é tomar como referência inicial para o desenvolvimento deste estudo, o ano de 1931, quando foram sancionados alguns decretos (mais conhecidos como “Reforma Capanema”) pelo então governo provisório, os quais visavam organizar o ensino secundário e as incipientes universidades brasileiras. Momento em que igualmente, por tais decretos, o Ensino Religioso nas diversas escolas passa a ser facultativo.

No que diz respeito a uma delimitação temporal final, é consideravelmente importante o ano de 1961, visto que em 20 de dezembro do mesmo, foi promulgada a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, Lei 4.024, a qual fez prevalecer as reivindicações da Igreja Católica e dos donos de estabelecimentos particulares de ensino, no confronto com os que defendiam o monopólio estatal para a oferta de educação aos brasileiros.

⁷ É importante lembrar que a partir da segunda metade do século XIX, o Estado português rompe com a Igreja e com suas diversas Ordens e Irmandades.

Obviamente que entre 1931 e 1961, houve vários debates e transformações na Educação Escolar, seja devido às Constituintes de 1933-1934 e a 1946, seja devido às idéias ou pensamento católico, os quais circularam no Brasil, inclusive neste período; seja devido ao então contexto político, econômico e cultural, cujos aspectos, sem dúvida influenciaram-se mutuamente. Indo além do contexto nacional, não é possível negar as diferenças culturais entre Brasil e Alemanha. Sendo assim, é de suma importância um estudo que consiga apontar para suas diferenças, no que tange à educação, antes mesmo de se querer compreender qual seria o ideal franciscano de educação alemão que acabou se adaptando então à realidade brasileira. Acredita-se, igualmente, que o avanço no setor educacional na realidade alemã, fez com que algumas localidades do Brasil “saíssem ganhando”, mesmo levando em consideração a adaptação às especificidades nacionais necessárias à sobrevivência aqui das Irmãs Franciscanas de Dillingen. A opção pelo Estado do Rio de Janeiro como delimitação espacial, se justifica pelo fato de o Rio ser, então, a capital brasileira até 20 de abril de 1960, data em que Brasília foi inaugurada enquanto novo distrito federal. Igualmente, trata-se de um Estado importante nesta proposta, por ser onde foi fundada a primeira instituição educacional pelas Irmãs Franciscanas de nacionalidade alemã. Daí a opção por se estudar, a princípio, justamente o Colégio “Santa Maria”, fundado no ano de 1940; exemplar dos princípios pedagógicos básicos do franciscanismo alemão na educação brasileira.

Acredita-se que seja possível colaborar para a construção de outra história e historiografia da educação nacional. E esta possibilidade deve estar assentada na experiência dos que tiveram seus projetos, suas práticas, suas formas de lidar com situações cotidianas (adversas ou não) silenciados. As Irmãs Franciscanas de Dillingen no Brasil, ainda se encontram em estado de mudez, quanto às suas contribuições no setor educacional ao longo de mais de setenta anos, já que atuam no Brasil desde 1937. Em relação aos franciscanos em geral, algumas questões já foram lançadas

A história franciscana no Brasil é marginal em decorrência da ausência de embates políticos com o poder instituído? (...) é decorrência da própria identidade do projeto franciscano que optou conscientemente pelo silêncio evangélico de modo que ‘uma mão não saiba o bem que a outra fez’? (...) (SANGENIS, 2004:96.)

O fato de ser ou não próprio das Franciscanas de Dillingen não ficar, por exemplo, relatando seus feitos aos “quatro cantos”, neste momento é o que menos interessa. Sangenis (2004:93-107) chama a atenção para a História da Educação brasileira, em que maioria dos autores aponta para a ação educativa dos jesuítas como a mais expressiva e, muitas vezes até

6

enquanto exclusiva. Sendo assim, em tais trabalhos, outros religiosos, que muitas vezes foram protagonistas na cena educacional do Brasil, acabam silenciados, dentre eles os franciscanos. Tal autor lembra ainda que foram os franciscanos e não os jesuítas os primeiros missionários a chegarem ao Brasil. Sendo inclusive a Primeira Missa aqui, celebrada por um Frei (Henrique Soares de Coimbra). E que se os franciscanos surgiram no século XIII, os jesuítas apareceram apenas três séculos depois. Daí a defesa por uma excelência da atuação franciscana na especificidade educacional.

Mas o que importa é conhecermos um pouco mais a nossa história da educação, pois só o fato de a mesma possibilitar “aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar a sua cultura profissional” (CAMBI, 1999:13), já seria motivo suficiente. Deixar de conhecer as experiências das Irmãs Franciscanas de Dillingen, seria o mesmo que ter diminuída a nossa memória, as nossas escolhas e as nossas possibilidades pedagógicas. A proposta não é falar nem dos franciscanos originários de Portugal, nem tampouco dos franciscanos do período colonial brasileiro. A perspicácia de Sangenis, entretanto, é aqui ampliada para o Brasil Contemporâneo, bem como para uma ordem religiosa feminina de franciscanas, as quais imigraram da Alemanha. Assim, acredita-se que o projeto escolar/educacional franciscano precisa ser desvelado na sua integralidade, mas também nas suas particularidades, seja tomando como referência o Brasil colônia ou qualquer outro período ao longo do processo histórico nacional. Uma história da atuação das Irmãs Franciscanas de Dillingen na educação brasileira “(...) só será garantida se forem levados em conta os ‘dados de bastidores’, (...) se se examina a base material da sociedade cuja história está sendo reconstituída”. (SAVIANI, 2004:33). Ou seja, a atuação desse grupo de Irmãs não se deu isolada da sociedade (brasileira principalmente), na qual estava inserido. Há que se contextualizar a sociedade em seus diversos aspectos para que a educação franciscana inserida nessa mesma sociedade possa ser compreendida.

Quanto aos motivos do silêncio sobre as ações franciscanas na educação brasileira, acredita-se que as mais diversas Congregações Franciscanas no Brasil estavam, de qualquer maneira, ligadas aos interesses e ações da Igreja Católica como um todo. Portanto, se a Igreja Católica se encontrava envolvida nos debates políticos da década de 1930, quando então lutava para não perder seu espaço diante do republicanismo caracteristicamente laico, os franciscanos acabaram certamente envolvidos, direta ou indiretamente, nessa luta. Conforme Horta, a Igreja estava

[...] profundamente enraizada no ensino secundário, que ela praticamente controlava através de sua rede de colégios, [...] não tinha praticamente nenhuma presença no ensino primário. Ora, o número de alunos do ensino primário havia quase duplicado entre 1920 e 1930, e esta expansão tendia a acelerar-se. Assim ao lutar pela introdução do ensino religioso nas escolas públicas, a Igreja estava lutando para garantir a sua influência sobre as classes populares urbanas. (1994:99)

No caso das Franciscanas de Dillingen, se realmente aceitaram o convite do Bispo de Niterói, Dom José Alves, ao chegar a Cabo Frio, no Rio de Janeiro, acabaram assumindo a atividade escolar primária dentre outras. Coincidência ou não, a Igreja Católica não estava justamente preocupada com o ensino primário, onde pudesse introduzir o ensino religioso? Acredita-se que o convite do referido Bispo pode sim ter sido estratégico naquele momento.

Uma outra hipótese para que este convite tenha ocorrido, pode ser explicado pelo interesse dos grupos dominantes em proporcionar aos seus filhos os princípios de uma educação européia, baseada na disciplina e no rigor. Vontade esta que pode ser justificada por uma herança do século XIX, onde as famílias brasileiras mais abastadas contratavam preceptoras alemãs, cuja tarefa seria “preparar as crianças e os jovens dessas famílias para uma vida mais culta e elegante em uma educação não institucionalizada”. (RITZKAT, 2000:270). Na década de 1940 o contexto era já bastante diferente, mas a união de uma educação européia (alemã) com uma formação moral religiosa seria, supostamente, o casamento perfeito para os grupos dominantes mais tradicionais da época. Lembrando que se tratava de um período em que foi interrompida a comunicação das Irmãs de Dillingen no Brasil com as da “Casa Mãe”, na Alemanha — outro fator que pode ter “obrigado” tais Irmãs a investirem em educação: a busca pela sobrevivência.

Concorda-se que os modos de pensar e/ou as visões de mundo das Franciscanas de Dillingen, no caso, não foram dados *a priori*, ou de forma autônoma. Não vieram tampouco transportados da Alemanha pra cá, se mantendo inertes desde então. O fato de tal grupo estar inserido numa determinada sociedade, faz com que seu modo de pensar e ver o mundo sejam fruto também das relações, inclusive de produção, que caracterizaram essa mesma sociedade ao longo do tempo. A suposição é de que as condições históricas encontradas aqui levaram as Irmãs de Dillingen a tomar determinadas atitudes, de certa forma alheias às suas concepções originais, pregadas por São Francisco de Assis e por Clara de Assis⁸, dos quais seriam seguidoras. Tanto é que no Capítulo I das Regras e Constituições da Congregação das Irmãs Franciscanas de Dillingen, aprovadas pela Santa Sé, em 18 de janeiro de 1982, lê-se à página

⁸ Jovem conterrânea de Francisco, que seguindo seu ideal, lançou os fundamentos da Segunda Ordem, a das Damas Pobres ou Clarissas.

8

35 que, “como comunidade inserida na Igreja de hoje, devemos renovar-nos sempre, como São Francisco, voltando ao Evangelho, ouvindo a Igreja e abrindo-nos para as necessidades do nosso tempo”. Resta verificar se tal atitude prevaleceu desde o princípio pelas franciscanas alemãs em terras brasileiras.

REFERÊNCIAS

Agenda. Origem das Irmãs Franciscanas de Dillingen. **Rede Educacional das Irmãs Franciscanas de Dillingen**, 2007.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESO, 1999.

FÁVERO, Osmar (org.). **A Educação nas Constituintes Brasileiras – 1823-1988**. 2. ed. Ver. Ampl. Campinas-SP: Autores Associados, 2001. (Coleção memória da educação).

HAAS, Ir. Michaela, OSF. **História das Irmãs Franciscanas de Dillingen**. Duque de Caxias – RJ: Edição da Prov. da Divina Providência no Brasil, 2000.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: Leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MOURA, Odilão O.S.B. **As idéias católicas do pensamento católico no Brasil no século XX**. São Paulo, Editora Convívio, 1978.

RITZKAT, Marly Gonçalves Bicalho. Preceptoras Alemãs no Brasil. **500 anos de educação no Brasil**. Org. Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª edição, pp.269-290.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do Pensamento Único em Educação: Franciscanismo e Jesuitismo na História da Educação Brasileira**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. 15ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção educação contemporânea).